

PROCESSOS DE CONSCIENTIZAÇÃO ENTRE MULHERES: SEXUALIDADE, CORPO E PRAZERES

Eixo Temático Educação em Sexualidade e Desenvolvimento Humano: Pesquisas, Teorias e Práticas

Juliana Teixeira Gomes ¹
Luisa Segalla de Carvalho ²
Gabriela Corrêa Ramos ³
Jussara de Souza Silva ⁴
Raquel Baptista Spaziani ⁵

RESUMO

A (A)GRUPA é a principal ação do Projeto de Extensão Mulheres, Arte e Cuidado. Foi criada em 2021, objetivando suprir a demanda de que houvesse um espaço voltado para a escuta e acolhimento de mulheres. Assim, a partir da recolocação da mulher como sujeito de sua própria história, deslocando-a do lugar de quem é falada para o lugar quem fala sobre si, a partilha de experiências foi possível, como forma de promover o cuidado mútuo entre as participantes do grupo. Dessa forma, a (A)GRUPA possibilitou tratar de temas relacionados às questões das mulheridades, como a educação em sexualidade. Este texto objetiva expor um dos encontros da (A)GRUPA com o tema “Sexualidade e direito ao prazer”, as reflexões trazidas, além da sua fundamentação teórica e resultados do encontro.

Palavras-chave: Mulheres; Arte; Cuidado; Grupo; Acolhimento.

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de São Paulo e bolsista PIBEX do Projeto de Extensão Mulheres, Arte e Cuidado - SP, jtgomes@unifesp.br;

² Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de São Paulo - SP, luisa.segalla@unifesp.br;

³ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de São Paulo - SP, ggramos@unifesp.br;

⁴ Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de São Paulo - SP, jussara.souza@unifesp.br;

⁵ Doutora em Educação Escolar e professora do Departamento Saúde, Clínica e Instituições da Unifesp-BS, Santos-SP, raquel.spaziani@unifesp.br

Introdução

A extensão Mulheres, Arte e Cuidado (SPAZIANI, 2021) surge no ano de 2021 mediante a constatação de demandas de cuidado advindas das mulheres acerca de questões de gênero. Foi em outra extensão que tal demanda foi identificada, sendo esta a extensão “Arte e Sonho: abordagem psicanalítica nos modos de cuidar das juventudes” (IMBRIZI, 2020); nesta referida extensão, prevê-se a partilha de sonhos, sobre os quais são feitas associações coletivas, na tentativa de encontrar os aspectos sócio-políticos dos sonhos. Numa das rodas de conversa da extensão Arte e Sonho, houve a partilha de um sonho específico, relatado por uma mulher, sobre o qual posteriormente gerou muita angústia entre as extensionistas por ter deixado implícito um conteúdo latente de violência contra a mulher, sobre o qual não se soube manejar na roda de conversa. Percebemos, então, que não existia espaços para que se fale sobre questões de gênero, para acolher mulheres, para partilhar experiências, sem que seja preciso esperar sonhá-las.

Logo, assim surge o projeto de extensão Mulheres, Arte e Cuidado (SPAZIANI, 2021), cuja principal ação de extensão é a (A)GRUPA. A (A)GRUPA ocorre semestralmente, consistindo em grupos fechados de mulheres, pretendendo gerar acolhimento e cuidado mútuo, a partir da partilha de experiências e da arte como disparadora de discussões e reflexões. Visa também gerar redes de apoio e construir coletivamente estratégias de enfrentamento e resistência às violências de gênero. A (A)GRUPA tem realizado tais discussões a partir do apoio da arte, tendo sempre alguma manifestação artística como disparadora da discussão, seja uma música, trecho de produções audiovisuais, poesia, ou artes plásticas, entre outras, sobre a qual podemos nos debruçar para começar a dizer o que pensamos a partir disso, o que nos faz sentido ou não, e a partir daí se iniciam os relatos de experiência ou reflexões. Muitas vezes podemos acompanhar a manifestação artística de uma pergunta a ser respondida, o que auxilia as mulheres a pensarem. Para o preparo dos encontros, que são coordenados pelas extensionistas, existe um processo de estudo sobre os temas selecionados a partir de autoras feministas, e procura-se trazer conteúdos da América Latina.

A partir da construção de um espaço de partilha horizontalizada, baseado em fundamentos de autoras feministas, negras e de preferência Latino-Americanas, pode-se observar a importância desse espaço e, por conseguinte, logo se vê uma demanda para a

continuidade do projeto, que hoje se encontra com a migração para encontros presenciais – a extensão foi originada na pandemia e os encontros do primeiro momento foram todos de modo *remoto*. Ademais, o projeto de extensão começa a disseminar o seu trabalho e conhecimento adquirindo a partir da escrita de capítulos de livros, apresentações em congresso e participação em eventos expondo a importância da criação de espaços de acolhimentos que tratam das problemáticas em relação ao gênero principalmente em espaços como a universidade pública e tendo um tema como “Sexualidade e direito o prazer” discutido.

Metodologia

Os primeiros 4 (quatro) encontros da (A)GRUPA aconteceram entre os meses de novembro de 2021 e janeiro de 2022 tendo os temas: O que é “ser” mulher?; Sexualidade e direito ao prazer; Maternidade, maternagem e aborto; Casamento, mercado de trabalho e padrão de beleza. Esses encontros aconteceram de forma *online*, pela plataforma *Google Meet* e contaram com a participação de aproximadamente 25 mulheres. Nesse primeiro momento de trabalho da (A)GRUPA os temas foram selecionados a partir de assuntos que as extensionistas e a professora responsável achavam interessantes de serem trazidos levando em consideração o conhecimento delas e as experiências de assuntos que mulheres traziam em espaços que as extensionistas estavam frequentando.

Antes dos encontros *online* começarem, por sua vez, foi criado um grupo no *Whatsapp* com as participantes para que informações fossem passadas de forma mais rápida e fácil e também para que as próprias participantes compartilhassem conteúdos que elas achassem interessante a partir dos temas que fossem apresentados, além de se ter um contato por e-mail onde informações dos encontros eram mandadas como tema, solicitações e *link* do encontro.

Isto posto, no primeiro encontro se teve um cuidado para que um vínculo fosse formado entre a equipe da extensão e as participantes da (A)GRUPA, pois como assuntos delicados e importantes seriam tratados era imprescindível que fosse estabelecido um espaço de troca, escuta, fala e acolhimento entre todas as participantes. Por conseguinte, as extensionistas acharam que seria interessante que elas se expusessem mais naquele momento, para mostrar que apesar do grupo ser coordenado por essas discentes com o apoio da docente coordenadora da extensão as relações ali seriam horizontais – influência do “Círculo de Cultura” de Paulo Freire (1967) –, e que existiria uma troca entre todas, incluindo as extensionistas e professora.

O segundo encontro – já com um vínculo criado e tema central deste texto –, a premissa foi “Sexualidade e direito ao prazer” que foi iniciado com uma apresentação do tema e com o questionamento de que sexualidade é essa e o que nos incentiva e o que nos barra. Ao conceber o encontro o objetivo implícito que foi pensado foi o de questionar essa sexualidade que nos é dada, que nos é imposta. Será que ela diz respeito a nós? Será que os dilemas pelos quais, muitas vezes, nós passamos, não seriam justamente porque tentamos nos encaixar num exercício da sexualidade que nos é dado, mas que não nos diz respeito? E se não nos diz respeito, diz respeito a quem? Que sexualidade é essa que é incentivada? Glorificada? Essas perguntas não foram feitas de forma direta, mas elas estavam nas artes plásticas que compartilhamos, nos poemas que lemos. E as respostas vieram nas discussões que tivemos.

Como disparador do encontro exibimos um quadro de Teresinha Soares, acompanhado da leitura do texto da Hilda Hilst (2004), “Matamoros: da fantasia”, presente no livro *Tu não te moves de ti*. A discussão iniciada a partir das artes disparadoras e da questão: “*O que vem na cabeça de vocês quando ouvem mulheres, sexualidade e direito ao prazer?*” trouxeram temas como maternidade, menstruação, violência dos serviços de saúde, virgindade e pressão familiar. Também houve divagações acerca de como o prazer estava vinculado ao homem e que o sexo que se fala é sempre o cisheteronormativo, genitalizante.

A princípio os temas levantados podem parecer que não conversam com o tema proposto, todavia, mostrou que a sexualidade é muito mais abrangente do que somente ações relacionadas ao ato sexual. Dessa forma, o encontro foi muito abrangente, chegando ao nosso objetivo primário (de questionar essa sexualidade que nos é dada, que nos é imposta) e indo além, já que foram discutidas questões que não foram pensadas propriamente como o objetivo de discussão do encontro, já que teriam outros temas futuros com esses temas, mas que definitivamente compõem o campo da sexualidade.

Referencial Teórico

Se há uma sexualidade imposta às mulheres, como pensar a(s) sexualidade(s) feminina(s) de forma verdadeira autônoma? Luce Irigaray (2017), em “Este sexo que não é só um sexo”, buscará (re)construir alguns caminhos. Segundo a autora, “a mulher goza mais com o toque do que com o olhar, e a sua entrada na economia escópica significa, ainda, uma designação dela própria à passividade: (...) o belo objeto a ser olhado” (p. 36), que deve fazer o duplo movimento de exhibir-se e esconder-se para o prazer (e se proteger) do olhar

masculino. É também aquela em cujo sexo há uma falta – um buraco – que deve ser preenchido por um pênis.

Nesse sentido, há o privilégio da vagina para uma sexualidade supostamente normal, que deve ser penetrada, forçada, invadida, ejaculada – e que assim cumpra a função de gerar filhos. São frequentes os ditos do senso comum que só atribuem à mulher o status como tal a partir do momento em que esta se torna mãe. A partir desse momento, ela deve dedicar-se a seus filhos – e, se houver, ao companheiro – atender às suas demandas e ceder, alienar-se do próprio desejo, desaparecendo nos papéis de mãe, esposa e cuidadora.

Para que as mulheres possam reconectar-se ao seu prazer, é preciso que se reapropriem da pluralidade de zonas erógenas presentes em seus corpos e dos gestos, sons, cheiros e demais estímulos que concorrem sem se substituir na geografia do prazer feminino. Irigaray (2017) também destaca o autoerotismo da mulher, em razão de a vulva ser composta por lábios que se beijam o tempo todo, os escapam às proibições impostas pela sociedade patriarcal. Não há, portanto, uma única e correta maneira de obtenção de prazer: cabe a cada mulher experimentar, encontrar e criar tantos jeitos quanto desejar, desvinculados de parâmetros masculinos.

Resultados e Discussão

A extensão Mulheres, Arte e Cuidado (SPAZIANI, 2021) vêm se demonstrando um potente espaço de conhecimento e acolhimento. Ao fim do primeiro ciclo da (A)GRUPA, as participantes ressaltaram a importância desse espaço enquanto um local de partilha, que gerou diversas reflexões. As rodas horizontais possibilitaram trocas de vivências, afetos e sensações de forma a criar espaço para a construção coletiva de enfrentamento das violências e desigualdades de gênero. A arte também se mostrou um importante disparador das discussões e de acolhimento. Desta forma, criou-se um espaço de resistência, onde as mulheres têm a liberdade e o incentivo para compartilharem desde suas dores até as suas estratégias para combatê-las, dentro de uma sociedade patriarcal que se beneficia da exploração de gênero. Dessa forma, percebemos a (A)GRUPA como um espaço que permite o reposicionamento social da mulher, onde as mulheres, ao falarem de si, tornam-se sujeitas das suas próprias narrativas, saindo da posição de objeto: do ser que é falado para o ser que fala.

Considerações Finais

A extensão Mulheres, Arte e Cuidado (SPAZIANI, 2021) surge a partir da percepção da falta de espaços de partilha a respeito das violências e desigualdade de gênero: surge então, com a intenção de ser um espaço de acolhimento que visa a construção de uma rede de apoio capaz também de elaborar estratégias coletivas de resistência a tais violências.

O encontro “Sexualidade e direito ao prazer” trouxe diversos questionamentos e reflexões a respeito da repressão à sexualidade feminina: por que quando falamos de sexualidade feminina nós falamos pouco sobre prazer? As participantes pouco falaram sobre os seus desejos, trazendo questões a respeito das pressões sociais, como a menstruação, o medo da gravidez, a dúvida em relação à maternidade. É importante ressaltar que a discussão foi embasada a partir da noção de que a sexualidade feminina foi pensada por uma lógica masculina, sendo imposta às mulheres e restringindo-a ao prazer do homem.

A gravidez foi um assunto importante no debate da sexualidade, pois é um medo comum às mulheres jovens, que muitas vezes são negligenciadas em consultórios ginecológicos, local onde deveria ser um espaço de educação sexual e cuidado à saúde da mulher. Nesse sentido, percebemos a urgência de debates feministas nas universidades, para melhor preparar as/os profissionais a atenderem às demandas concretas das mulheres. Além disso, outro ponto discutido foi a falta de preparo nas universidades para acolher as mães, colaborando para a construção de um medo da maternidade.

A respeito de possibilidades para pensar o prazer feminino, destacamos Luce Irigaray (2017), que traz novas perspectivas para irmos além da noção da mulher como um buraco que deve ser preenchido (penetrado) por um pênis. Em oposição, urge a possibilidade das mulheres explorarem suas zonas erógenas, seus gestos e demais estímulos que são plurais: as mulheres podem experimentar, romper com os parâmetros masculinos limitados.

Além disso, ficou evidente a falta de espaços na sociedade que discutam a sexualidade sem um cunho moral e repressivo, gerando angústia e culpa a respeito do tema, tornando o prazer um assunto difícil de ser tratado mesmo em um espaço acolhedor. Visto isso, percebemos a necessidade de novas pesquisas que visem traçar estratégias de lidar com o prazer feminino dentro de uma sociedade que moraliza e culpabiliza as mulheres por meio de pressões da maternagem e violências por parte dos agentes de saúde. Por fim, ressaltamos a (A)GRUPA como um potente dispositivo de elaboração de estratégias coletivas para enfrentar as violências de gênero nos seus diversos âmbitos.



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,

HILST, Hilda. Matamoros: da fantasia. In: HILST, Hilda. **Tu não te moves de ti**. São Paulo: Globo, 2004. p. 30-59.

IMBRIZI, Jaquelina Maria. **Arte e sonho: abordagem psicanalítica nos modos de cuidar das juventudes**. Projeto de Extensão Universitária Unifesp – Baixada Santista, Santos, SP, Brasil, aprovado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Unifesp (PROEX) em jun. 2020, cadastrado com Código PROEX: 17774 em <https://www.unifesp.br/reitoria/proec/siex-frame>. Texto não publicado.

IRIGARAY, Luce. **Este sexo que não é só um sexo**: sexualidade e status social da mulher. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2017. Tradução de Cecília Prada.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. 157 p. Disponível em: gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/educacao_pratica_liberdade.pdf. Acesso em: 03 jul. 2022.

RAMOS, Gabriela Corrêa; SILVA, Jussara de Souza; CARVALHO, Luísa Segalla de; GOMES, Juliana Teixeira; SPAZIANI, Raquel Baptista; IMBRIZI, Jaquelina Maria. Roda de poesia: a construção do cuidado entre mulheres. In: BORTOLOZZI, Ana Cláudia; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal; TEIXEIRA, Filomena; CHAGAS, Isabel; VILAÇA, Teresa; MENDES, Patrícia de Oliveira e Silva Pereira; MELO, Sonia Maria Martins de; ROSSI, Célia Regina; MARTINS, Isabel P. (org.). **Questões sobre gênero**: novos paradigmas e horizontes. Bauru: Gradus Editora, 2021. p. 185-187. Disponível em: https://www.graduseditora.com/_files/ugd/c7d661_e05ce4f966e844c79715bd6bb94ccdad.pdf. Acesso em: 03 jul. 2022.

SPAZIANI, Raquel Baptista. **Mulheres, Arte e Cuidado** Projeto de Extensão Universitária Unifesp – Baixada Santista, Santos, SP, Brasil, aprovado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Unifesp (PROEX) em jul. 2021, cadastrado com Código PROEX: 20436 em <https://www.unifesp.br/reitoria/proec/siex-frame>. Texto não publicado.